Sobre um “Monstro bicorpóreo Eborense do século XVIII”

On a bicorporeal monster from eighteenth century Évora

Luís Ceríaco

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/midas/281>

DOI: 10.4000/midas.281

ISSN: 2182-9543

Editora:

Alice Semedo, Paulo Simões Rodrigues, Pedro Casaleiro, Raquel Henriques da Silva, Ana Carvalho

Refêrencia eletrónica

Luís Ceríaco, « Sobre um “Monstro bicorpóreo Eborense do século XVIII” », *MIDAS* [Online], 2 | 2013, posto online no dia 03 abril 2013, consultado no dia 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/midas/281> ; DOI : 10.4000/midas.281

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

Midas is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 International License

Sobre um “Monstro bicorpóreo Eborenses do século XVIII”

On a bicorporal monster from eighteenth century Évora

Luís Ceríaco

Introdução

- 1 Existe nas coleções de manuscritos da Biblioteca Pública de Évora um documento manuscrito do século XVIII no qual se dá a notícia do nascimento, na cidade de Évora, de um “Monstro bicorpóreo” do sexo feminino (Códice CIX/1-15, Apêndice I). O documento não assinado, mas muito provavelmente redigido por José da Rocha, diácono da Sé de Évora, faz-se acompanhar por uma ilustração do mesmo monstro (Ver Fig. 1).

Fig. 1 – Fac-simile de manuscrito *Noticia de um Monstro Bicorporeo*. 1788

©Biblioteca Pública de Évora (cota CIX/1-15; fólio 281).

- 2 Segundo nos relata o documento, nascido em 1788, o dito “monstro” morreu logo à nascença, sem que se lhe administrasse o Baptismo, e eram constituido por dois corpos perfeitos de sexo femenino pegados, face a face, pelo peito desde o Umbigo athe quasi as clavículas, apresentando simétricamente em ambas as faces uma fissura labiopalatal, vulgo lábio leporino (1788, fólio 280). Foi de imediato adquirido por um curioso eborense que o entrega a um cirurgião castelhano que se encontrava pela cidade na altura, que com a assistência de os Medicos mais peritos dela; alguns Cirurgiões, e outras pessoas inteligentes, e fidedignas procede à sua dissecação¹. Toda a descrição da autópsia permite ao leitor ter uma ideia bastante precisa das principais particularidades externas e internas do exemplar. É de notar que em momento algum o autor apresenta qualquer tipo de explicação, sobrenatural ou natural, para o nascimento do “monstro”. Após a dissecação o exemplar foi infundido em espírito de vinho e enviado para o Real Museu de História Natural da Ajuda, em Lisboa.
- 3 Numa recente publicação sobre os monstros de Domingos Vandelli (Ceríaco, Brigola e Oliveira 2011) foram localizados nas coleções nacionais vários exemplares teratológicos, que tendo feito parte das colecções que dirigia, foram referidos e ilustrados pelo autor em diferentes publicações. Seu contemporâneo e tendo partilhado o mesmo espaço museológico que alguns destes exemplares, encontra-se o monstro eborense. À época de conclusão da publicação do referido estudo, não havia sido possível identificar ou localizar o exemplar eborense. Este breve artigo pretende ser um aditamento àquele já publicado (Ceríaco, Brigola e Oliveira 2011), contando a “história” particular do “monstro bicorporeo” eborense.

Métodos

- 4 Tentou-se, através da análise de documentos diversos, traçar-se o possível trajeto do exemplar desde que foi enviado de Évora até aos dias de hoje. Tendo em conta que a história da instituição que primeiramente acolheu o monstro eborense ser complexa e acidentada, foi necessário recorrer a fontes presentes em diferentes instituições e de diferentes naturezas. Tomando como ponto de partida o Museu da Ajuda², pode-se constatar no “Inventário geral e particular de todos os produtos naturais e artificiais, instrumentos, livros, utensílios e móveis pertencentes ao Real Gabinete de História Natural (...)”, a referência à presença de um *Feto monstroso do sexo feminino de duas cabeças em hú corpo* (1794, 3) que poderá muito provavelmente corresponder às siamesas eborenses. A ter estado no Museu da Ajuda, o exemplar terá partilhado o espaço de um armário destinado a exemplares monstrosos na segunda sala do Museu, onde terá estado também um famoso *Cação de duas cabeças*³. Para além desta referência não existe, qualquer outra ao monstro na Ajuda, sendo-nos no entanto suficiente para confirmar a sua presença lá. O acervo documental referente à época do Museu de Lisboa, na Real Academia das Ciências de Lisboa é escasso e de difícil acesso, estando disperso por duas instituições atuais, o Arquivo Histórico do Museu Bocage, do Museu Nacional de História Natural e da Ciência de Lisboa (AHMB-MNHNC), e no Arquivo da Academia das Ciências de Lisboa (ACL). Não se encontrou qualquer referência ao dito espécimen (bem como a qualquer outro monstro) nas coleções do Museu de Lisboa na ACL, tão pouco José Vicente Barbosa du Bocage faz referência a qualquer exemplar deste tipo no breve relatório que faz sobre as coleções recebidas na Escola Polytechnica em 1858, vindas do Museu de Lisboa na ACL (Bocage 1862).
- 5 Outra instituição que poderia explicar o percurso deste exemplar era a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Criada em 1836, a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa vai herdar exemplares dos extintos conventos bem como, muito provavelmente, exemplares do Real Museu de História Natural da Ajuda⁴. Um dos únicos catálogos conhecidos das coleções presentes na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, intitulado de “Catalogo das Peças do Museu D’Anatomia da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa” por J. G. Teixeira Marques em 1862, aparece a referência a um “Monstro humano duplo em que a união se faz por toda a face anterior do thorax” em que “os dois indivíduos apresentam o lábio leporino” que pode corresponder às gémeas eborenses. Neste mesmo Catálogo, o autor deixa a informação de que muitos dos exemplares anteriores a 1850 poderiam provir da extinta Régia Escola de Cirurgia, mas que nem todos poderiam ser apontados com certeza dessa procedência⁵. Parte dessa dúvida colocava-se devido à falta de etiquetas ou informações acopladas a cada espécime, embora os novos exemplares apresentassem já informação completa acoplada, incluindo mesmo alguns oferecidos por Barbosa du Bocage⁶. Facto interessante, e que fortalece o argumento da alteração de paradigma epistemológico no mundo das coleções de História Natural é o facto de Barbosa du Bocage, diretor da secção zoológica do Museu de História Natural de Lisboa durante toda a segunda metade do século XIX, enviar “monstros” que lhe chegavam às mãos para a Eschola Medico-Cirurgica. Esta atitude, que contrasta totalmente com a atividade de Domingos Vandelli de concentrar num só espaço todos os reinos e mais diferentes espécimens da natureza, demonstra claramente a diferença conceptual do Gabinete/Museu do século XVIII com o Museu do século XIX. Já não interessa um museu possuir tudo o que a natureza produz.

Um museu é agora um espaço de estudo cada vez mais especializado, com barreiras epistemologicamente bem definidas pelo espectro das novas disciplinas científicas. Os monstros humanos, por pertencerem ao domínio específico da medicina, deixam de ter lugar nas coleções dos Museus de História Natural, sendo então remetidos para os gabinetes e museus médicos⁷. No caso dos monstros de Vandelli, em Coimbra, a situação foi de facto muito semelhante, sendo os monstros humanos, que originalmente faziam parte das coleções do Museu de História Natural da Faculdade de Filosofia, sido transferidos para o Museu de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina (Ceríaco, Brigola e Oliveira 2011). Assim sendo, a possibilidade da trajetória do espécimen ter sido diferente das restantes coleções onde estava inserida, tendo-se separado das mesmas em 1836 e seguido para a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, assumia-se como a mais provável. Tendo originalmente sido localizada no Hospital de São José, a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, funcionaria no mesmo edifício até 1956 (embora a partir de 1911 tenha sido incorporada na Universidade de Lisboa, dando origem à Faculdade de Medicina), data na qual todo o material é transferido para o edifício do Hospital de Santa Maria.

Resultados

- 6 A 13 de Outubro de 2011, aquando de uma visita às coleções do Museu de Medicina da Universidade Lisboa, presentes no Hospital de Santa Maria, com a ajuda do Dr. Pedro Henriques do Instituto de Anatomia Patológica, localizou-se o “monstro” eborense nas coleções. Apesar de o exemplar não se encontrar identificado é possível encontrar vários sinais diagnosticantes da sua identidade. O exemplar é, segundo a classificação clássica de Geoffroy Saint-Hilaire, um monstro Autositário, Anacatrididimo, Mononfaliano e Esternópago, como o descrito no códice eborense, apresentando em ambas as faces lábio leporino, *em huma era fendida da p.te dir.ta, ena outra q lhe ficava defronte, tinha a fenda em correspondencia da par.te esquerda* (1788, fólho 280), e claras marcas de dissecação, quer na parte do corpo como no topo das duas cabeças (Fig. 2). A própria postura do exemplar é muito semelhante ao do desenho do códice. Uma outra característica diagnosticante deste espécime é a própria solução onde este se encontra. Ao contrário dos espécimes dos séculos XIX e XX, no século XVIII os exemplares eram conservados em aguardente. Segundo a descrição original o exemplar foi *infundio em espirito de vinho* após ter sido dissecado e antes de ser enviado para a Ajuda (1788, fólho 282). Devido à sua parcial imersão em aguardente (as cabeças encontravam-se fora desta), toda a parte inferior do corpo se apresenta fortemente tingida de castanho-arroxeadado. A particularidade da sua conservação, que permaneceu a mesma apesar de ter sido substituído o frasco original, faz com que este espécime assuma uma redobrada importância. Não só é um dos mais antigos exemplares teratológicos portugueses, como também o único exemplar referenciado manteve este tipo de conservação.

Fig. 2 – Exemplar do “Monstro Bicorpóreo” eborense, atualmente presente nas coleções do Museu de História da Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Fotografias por Luis Ceríaco (2011).

Conclusão

- 7 Como referem Ceríaco, Brigola e Oliveira, o percurso dos “monstros humanos” nas coleções portuguesas “ilustra uma rutura epistemológica, no colapso da História Natural como disciplina científica, e subsequente reorganização das abordagens por disciplinas científicas emergentes, onde durante o século XIX e boa parte do século XX os “monstros humanos” eram remetidos para as coleções médicas, para serem usados como exemplos de estudo da medicina” (2011, 1003), e que “para além do seu valor científico *per si*, estes “monstros”, devido aos seus mais de 200 anos de existência e singular importância no discurso científico do passado, devem ser considerados como espécimes históricos, testemunhas da evolução da ciência e dos museus que os acolheram” (*ibidem*). No caso concreto deste “monstro”, pode ainda ser considerado como património da cidade de Évora. Estas duas eborenses, ausentes da sua terra natal durante mais de dois séculos, tendo visto a sua naturalidade e identidade esquecida e sido remetidas à ingloria escuridão de um armário fechado, apresentam-se-nos hoje como importantes testemunhas da evolução da ciência portuguesa, bem como recuperam a sua identidade e demonstram os contributos de Évora para o discurso científico nacional, do século XVIII aos tempos atuais.

Agradecimentos

- 8 O autor pretende agradecer a simpatia e colaboração do Dr. Pedro Henriques da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, cuja ajuda permitiu localizar o exemplar; ao Dr. José Chitas da Biblioteca Pública de Évora pelo apoio aquando da investigação na Biblioteca, bem como ao diretor da mesma, Doutor José António Calixto pela permissão de reprodução do respetivo códice. Comentários e sugestões de correção ao texto foram gentilmente dados pelo Prof. Doutor Paulo de Oliveira e pelo Prof. Doutor João Brigola. Esta investigação foi financiada pela bolsa de doutoramento concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia a Luís Ceríaco, com a referência SFRH/BD/66851/2009, financiada pelo POPH - QREN - Tipologia 4.1 - Formação Avançada, participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.
-

BIBLIOGRAFIA

- Brigola, João Carlos Pires. 2003. *Colecções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Brigola, João Carlos Pires. 2010. *Os Viajantes e o livro dos museus*. Porto, Dafne editora.
- Bocage, José Vicente Barbosa du. 1862. *Instruções Práticas Sobre o Modo de Colligir e Remetter Produtos Zoológicos para o Museu de Lisboa*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Ceríaco, Luis Miguel Pires, João Carlos Pires Brigola e Paulo de Oliveira. 2011. Os Monstros ainda “existem”? Os Monstros de Vandelli e o percurso das colecções de História Natural do século XVIII. In *Livro de actas do Congresso Luso Brasileiro de História da Ciência*, 991-1005. Universidade de Coimbra.
- Marques, José Gregório Teixeira. 1862. *Catalogo das peças do Museu d’Anatomia da Eschola Médico-Cirurgica de Lisboa*. Lisboa Sociedade Typographica Franco-Portugueza.
- Fontes da Costa, Palmira. 2005. *O Corpo Insólito – Dissertações sobre monstros no Portugal do século XVIII*. Porto: Porto Editora.
- Horta, Jorge Augusto da Silva. 1963. *A anatomia patológica na Escola Médico-Cirúrgica e na Faculdade de Medicina de Lisboa: a sua evolução como especialidade e o seu ensino*. Lisboa.
- Vandelli, Domingos. 1776. *Dissertatio de monstribus*. Coimbra: Real Oficina da Universidade.

ANEXOS

Fontes manuscritas:

Notícia de um Monstro Bicorporeo. 1788. Códice CIX/1-15, Biblioteca Pública de Évora.

Inventário geral e particular de todos os produtos naturais e artificiais, instrumentos, livros, utensílios e móveis pertencentes ao Real Gabinete de História Natural, Jardim Botânico e suas casas anexas, como são: gabinete da biblioteca, casa do desenho, dita do laboratório, dita das preparações e armazém de reserva etc. Tudo como nela se declara. 1794. Códice 21.1.010, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Mapa dos objectos que saíram deste Depósito Geral das Livrarias, Quadros dos extintos Conventos e que foram entregue em virtude da directa Ordem de SM. 1839. BN/AC/INC/DLEC/28/Cx06-06, Biblioteca Nacional.

Apêndice I - Fac-simile de manuscrito *Noticia de um Monstro Bicorporeo*. 1788 (cota CIX/1-15), ©Biblioteca Pública de Évora.

Fig. 3 - Fac-simile de manuscrito *Noticia de um Monstro Bicorporeo*. 1788 (cota CIX/1-15, fólio 280)

©Biblioteca Pública de Évora.

Fig. 4 - Fac-simile de manuscrito *Noticia de um Monstro Bicorporeo*. 1788 (cota CIX/1-15, fólio 280v)

©Biblioteca Pública de Évora.

Fig. 5 - Fac-simile de manuscrito *Noticia de um Monstro Bicorporeo*. 1788 (cota CIX/1-15, fólio 281)

©Biblioteca Pública de Évora.

Fig. 6 - Fac-simile de manuscrito *Noticia de um Monstro Bicorporeo*. 1788 (cota CIX/1-15, fólio 282)

©Biblioteca Pública de Évora.

NOTAS

1. Como refere Fontes da Costa a propósito da validação dos relatos sobre nascimentos ou aparições de Monstros, para além da “utilização de um estilo verboso que passava, nomeadamente pela inclusão de um grande número de pormenores circunstanciais à ocorrência”, a “utilização de ilustrações”, a “terceira estratégia de validação utilizava a referência a testemunhas cuja credibilidade assentava no seu estatuto social e no seu número (2005, 9-10). Esta referência é frequentemente apresentada nos relatos como a verdadeira chancela da sua autenticidade”. Neste caso podemos ver bem presentes estes três elementos.
2. Fundado em 1768 e tendo existido até 1836, altura em que a maioria das suas colecções terão sido incorporadas no "Museu de Lisboa", nas instalações da Academia das Ciências de Lisboa.
3. Este exemplar, referido em Ceríaco, Brigola e Oliveira (2011), foi várias vezes citado por Vandelli e Alexandre Rodrigues Ferreira, bem como por viajantes estrangeiros que visitavam o Museu da Ajuda (Brigola 2010). Este exemplar terá sido transferido para o Museu de Lisboa, sendo o seu percurso posterior desconhecido.
4. Para a Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa seguiram, do Depósito Geral das Livrarias, Quadros dos Extintos Conventos, a 21 de Março de 1837 “2 vasos com fetos monstruosos”. Ver *Mapa dos objectos que saíram deste Depósito Geral das Livrarias, Quadros dos extintos Conventos e que foram entregue em virtude da directa Ordem de SM.* (1839).
5. "Não nos foi possível marcar, a respeito de todos os preparados, que possuímos, a sua origem, nem tão pouco juntar á descrição de cada um o nome do benemérito collega que o destinou ao Museu da Eschola: dos que existiam na Eschola antes de 1859, bem poucos traziam notada a procedência (...) Dos preparados que existiam na Eschola antes de 1850, uma boa parte pertencia

á antiga Regia Eschola de Cirurgia. Sentimos não poder marcar quaes elles são, pagando assim um justo tributo aos illustres professores que os colligiram; podemos comtudo dizer que uma terça parte dos exemplares de moléstias d'ossos que possuímos e um bom numero de peças teratologicas tal procedência" (p. I).

6. "(...) os que adquirimos em 1860, 1861 e 1862, quasi todos tem junta tal indicação, figurando entre estes, três excellentes exemplares de teratologia humana, que o Sr. Dr. Bocage, digníssimo Director do Museu Nacional, a quem a sciencia já não deve pouco, teve a bondade de offerecer á Eschola" (p. I).

7. Não se pense no entanto que a presença de monstros e monstruosidades animais vai desaparecer completamente das coleções de História Natural em Portugal. Podemos encontrar vários exemplos de espécimes adquiridos ou ofertados nos museus nacionais durante todo o século XIX e XX, alguns deles alvos de breves publicações e estudos. O que muda é a sua centralidade e relevo nos Museus. De papel privilegiado e central, são transferidos para zonas marginais do museu, ou mesmo para as arrecadações dos mesmos.

RESUMOS

Um documento conservado na Biblioteca Pública de Évora dá conta de que terá nascido na mesma cidade em 1778 um "Monstro bicorpóreo" feminino, com lábio leporino, que terá sido dissecado e ilustrado na cidade e enviado por fim para o Real Museu de História Natural da Ajuda, Lisboa. Desconhecendo-se a sua atual localização, procedeu-se à investigação com objetivo de o encontrar. O exemplar foi então encontrado, em outubro de 2011, nas coleções teratológicas do Museu da Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, sem que estivesse identificado como tal. O percurso deste exemplar é bastante semelhante ao de outros "monstros" do século XVIII em Portugal, evidenciando a evolução dos museus e da própria ciência. Este exemplar constitui-se assim como um dos mais antigos espécimens teratológicos portugueses e um importante espécimen histórico e científico.

A document preserved in the Public Library of Évora states that a female "double-bodied monster" with a cleft lip was born in the city in 1778, which was dissected and drawn in the city and finally sent to the Royal Museum of Natural History of Ajuda, Lisbon. Unaware of its current location, we proceeded with research in order to find it. The specimen was found in October 2011, in the teratology collection at the Museum of Medicine of the Faculty of Medicine, University of Lisbon, but had not been identified as such. The journey of this specimen is quite similar to other eighteenth century Portuguese "monsters", showing the evolution of museums and science itself. This specimen constitutes one of the oldest Portuguese teratology specimens and is an important historical and scientific specimen.

ÍNDICE

Palavras-chave: museus, documento, espécimen, monstro, biografia de objeto

Keywords: monster, museum, specimen, Évora, object biography

AUTOR

LUÍS CERÍACO

Licenciado em Biologia, mestre em Biologia da Conservação e doutorando em História e Filosofia da Ciência (Universidade de Évora). A sua linha de investigação principal prende-se com a evolução da zoologia e dos museus de história natural em Portugal (séculos XVIII - XX), debruçando-se nos seus aspetos históricos e científicos, bem como no estudo e conservação das coleções zoológicas. Paralelamente, desenvolve trabalhos em herpetologia, nomeadamente em taxonomia clássica, etnoherpetologia e conservação. Membro do Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência (CEHFCi) da Universidade de Évora e colaborador do Museu Nacional de História Natural e da Ciência (Lisboa). luisceriaco@netcabo.pt